Nem tudo está bem com Cílicon: breve nota sobre a parêmia Ἀγαθὰ Κιλλικῶν (Zen. *Par.* I, 3)[1]

Tatiana ALVARENGA CHANOCA[2]
UFMG (Brasil)
tatianachanoca@gmail.com || https://orcid.org/0000-0002-8541-1719

Recibido: 08/07/2025 || Aceptado: 17/08/2025

Título: «No todo está bien con Ciliconte: breve nota sobre la paremia Ἀγαθὰ Κιλλικῶν (Zen. *Par.* I, 3)».

Resumen: En el largo espacio de tiempo en que transcurre la transmisión de los textos que constituyen el *CPG* (*Corpus Paroemiographorum Graecorum*), es comprensible que algunas paremias hayan sido alteradas, con frecuencia en el sentido de un acortamiento o, de modo más o menos drástico, contaminadas por la explicación resumida de los copistas y de los escoliastas, lo que ha resultado en un proceso cumulativo, que no rara vez compromete la comprensión y la interpretación del material heredado. La presente nota se detendrá en la paremia Ἀγαθὰ Κιλλικῶν, comentando la versión registrada en Zenobio (*Par.* I, 3) y las variantes de esa paremia registradas en otras fuentes paremiográficas y lexicográficas, a saber: Diogeniano (I, 9), Gregorio de Chipre (I, 5), Macario (I, 6), *Suda* (α, 108) y Erasmo de Rotterdam (1409 [II, V, 9]), con sus respectivas explicaciones, así como en otras fuentes antiguas no necesariamente paremiográficas, que ayuden a dilucidar el contenido y la historia que hay detrás de esta paremia, contribuyendo así a su interpretación.
Palabras clave: Paremiología. Paremia. Zenobio. *CPG*.

Titre : «Tout ne va pas bien chez Ciliconte : brève note sur la parémie Ἀγαθὰ Κιλλικῶν (Zen. *Par.* I, 3)».

Résumé : Au cours de la transmission des textes qui constituent le *CPG* (*Corpus Paroemiographorum Graecorum*), sur la longue période que couvre cette transmission, il est compréhensible que certaines parémies aient été altérées, souvent dans le sens d'un raccourcissement ou, de façon plus ou moins importante, contaminées par l'explication résumée des copistes et des scholiastes. On aboutit alors à un processus cumulatif qui compromet la compréhension et l'interprétation du matériau hérité. La présente note se concentre sur la parémie Ἀγαθὰ Κιλλικῶν en commentant la version conservée chez Zénobios (*Par*. 1, 3) ainsi que ses variantes que l'on retrouve dans d'autres sources parémiographiques et lexicographiques, à savoir Diogénien (I, 9), Grégoire de Chypre (I, 5), Macaire (I, 6), la Souda (α, 108) et Érasme de Rotterdam (1409 [II, V, 9]), avec leurs explications respectives, ainsi que dans d'autres sources anciennes, non nécessairement parémiographiques, qui contribuent à élucider le contenu et l'histoire de ce proverbe, contribuant ainsi à son interprétation.
Mots-clés: Parémiologie. Parémie. Zénobios. *CPG*.

Title: "Not all is well with Cilicon: short note on the proverb Ἀγαθὰ Κιλλικῶν (Zen. *Par.* I, 3)."

Abstract: During the transmission of the texts that constitute the *CPG* (*Corpus Paroemiographorum Graecorum*), over the long period of time that it covers, it is understandable that some paremias have been altered, often in the way of a shortening or, more or less drastically, contaminated by the summarised explanation of the copyists and scholiasts. This results in a cumulative process that often compromises the understanding and interpretation of the preserved material. This note will focus on the

[1] Este artigo é fruto de uma pesquisa em andamento, que vem sendo realizada com o apoio do CNPq (Brasil), sob a supervisão da Prof. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa a quem agradeço pelos inestimáveis conselhos e sugestões ao longo de todo o trabalho. Agradeço ainda ao parecerista a quem este artigo foi submetido, por seus valiosos e muito úteis comentários. Os erros que porventura aqui restem são naturalmente de minha inteira responsabilidade.
[2] Bolsista PDJ do CNPq.

paremia Ἀγαθὰ Κιλλικῶν, commenting on the version recorded in Zenóbio (*Par*. I, 3) and the variants of this paremia recorded in other paremiographic and lexicographic sources, namely: Diogenian (I, 9), Gregory Cyprian (I, 5), Macarius (I, 6), *Suda* (α, 108) and Erasmus of Rotterdam (1409 [II, V, 9]), with their respective explanations, as well as in other ancient sources, which are not necessarily paremiographic, which help to elucidate the content and history behind this proverb, thus contributing to its interpretation.
Keywords: Paremiology. Paremy. Zenobius. *CPG*.

INTRODUÇÃO

O uso de provérbios é constante na literatura grega; suas primeiras manifestações registradas estão em Homero, Hesíodo e Arquíloco, e na época clássica os provérbios aparecem em todos os gêneros literários, sobretudo em autores que buscavam reproduzir, em alguma medida, a linguagem coloquial, como é o caso da comédia. O ponto de partida para a paremiologia grega foi provavelmente Aristóteles, que teria iniciado um estudo mais sistemático dos provérbios, e a partir do século IV a.C. constata-se um grande interesse por parte dos filólogos por reuni-los e explicá-los, e na época alexandrina os provérbios começaram a ser coletados com fins principalmente literários e históricos. Entre outros compiladores (dos quais em geral temos poucas informações além dos seus nomes), merece destaque Zenóbio – sofista grego que ensinou retórica em Roma durante o império de Adriano (117-138 d.C.) –, que é a base da maioria das coleções posteriores, ocupando mesmo um lugar de destaque na tradição paremiográfica grega. Intitulada *Epítome de Zenóbio sintetizada em ordem alfabética a partir dos provérbios de Tarreu e Dídimo* (Ἐπιτομὴ ἐκ τῶν Ταρραίου καὶ Διδύμου παροιμιῶν συντεθεῖσα κατὰ στοιχεῖον), sua obra não chegou completa até nós, mas apenas na forma de resumos que sofreram modificações e adições, sendo que ela mesma já era um resumo do trabalho de eruditos anteriores (Mariño Sánchez y García Romero: 1999, 25-26).

Esse processo de resumir os provérbios e as explicações gerou em alguns casos erros de leitura (como a duplicação de uma mesma parêmia ou a supressão de uma parte da explicação)[3], que, aliados às reduções, podem dificultar a compreensão e interpretação do texto. Assim, este artigo discutirá as variantes do provérbio Ἀγαθὰ Κιλλικῶν, partindo de Zen. *Par*. (I, 3) e mobilizando em seguida outras fontes paremiográficas e lexicográficas, a fim de buscar uma compreensão mais ampla do provérbio em questão e de seu contexto, para assim encontrar a melhor maneira de interpretá-lo e traduzi-lo, tendo ainda mente que a interpretação de um provérbio é, por assim dizer, um processo de mão dupla, já que ao mesmo tempo depende da compreensão da cultura e de seus contextos de uso como, em sentido oposto, informa essa mesma compreensão.

1. O PROVÉRBIO ἈΓΑΘΑ ΚΙΛΛΙΚΩΝ E A FIGURA DE CÍLICON

Zen *Par.* 1.3: <Ἀγαθὰ Κιλλικῶν>· λείπει τὸ ἔχει. Προδότης γὰρ γέγονεν οὗτος ὁ Κιλλικῶν, Μιλήσιος τὸ γένος, ὃς προδοὺς Μίλητον εὐπόρησεν.[4]

Benesses de Cílicon: *falta o "tem". Pois esse Cílicon, de raça milésia, foi um traidor, que, tendo entregado Mileto, prosperou*.

A começar pela tradução dessa parêmia, um primeiro obstáculo que se coloca é o nome Κιλλικῶν, que aparece no nominativo, e não no genitivo, como se esperaria numa primeira

[3] Exemplos concretos desses erros podem ser encontrados além do citado artigo de García Romero (2000), em Renzo Tosi (1988) e em García Romero (2021, t. I: 461-500).
[4] Atestado ainda na *Coleção Bodleiana* 10, mas com a grafia Κιλίκων, que será discutida adiante.

abordagem. Essa questão é resolvida pela primeira frase da explicação – λείπει τὸ ἔχει, "falta o 'tem'" –, a partir da qual entendemos que uma forma completa da parêmia seria "Cílicon tem bens", "Cílicon tem coisas boas", "Cílicon tem benesses", ou ainda, numa forma mais bem-sintonizada com gênese da expressão (como se verá adiante), "Cílicon traz coisas boas". Assim, três soluções tradutórias pareceram mais adequadas: 1) considerar de imediato a presença do verbo ἔχω, conforme está na explicação, opção que me parece inadequada, sobretudo porque essa informação sobre a ausência do verbo não está presente em todas as fontes paremiográficas e lexicográficas, conforme veremos adiante; 2) verter o nome como se estivesse no genitivo ("bens de Cílicon", "benesses de Cílicon", "coisas boas de Cílicon"); 3) verter literalmente a partir da forma pela qual o provérbio é apresentado ("bens Cílicon", "benesses Cílicon", "coisas boas Cílicon"), levando em conta que há em português provérbios sem verbo, como "cada macaco no seu galho", "casa de ferreiro, espeto de pau". Essa opção, porém, apesar de manter a força expressiva do provérbio, que vem justamente de sua construção gramatical defectiva, talvez dependa de uma expressão oral para ser plenamente compreendida, sendo necessária, ao menos em português, uma pausa na modulação (algo como "Coisas boas? Cílicon!"). Desse modo, optou-se aqui pela fórmula "benesses de Cílicon", solução que, se por um lado, reduz a sua "rapidez" expressiva, sacrificando algo de sua brevidade e concisão, caras sobretudo ao registro oral, por outro, parece manter o seu caráter proverbial, sem adulterar o seu sentido, mantendo a antífrase e a ironia que são os seus elementos constituintes – o que também é ressaltado ao se verter ἀγαθά por "benesses" –, e não causa estranhamento.

Mas há uma condição *sine qua non* para o funcionamento dessa parêmia: o conhecimento de quem é Cílicon. Assim, para entender a história de Cílicon, e então a própria parêmia, vejamos o seguinte verbete dos *Adágios* de Erasmo de Roterdã, que parece ter recorrido às principais fontes antigas para construir sua explicação:

> *Bona Cillicon:* Ἀγαθὰ κιλλικῶν*, id est Bona Cillicon, subaudiendum: facit aut habet. Convenit, ubi quis malefactis ac foedis artibus sibi paravit opes. Huic adagio locum fecit Cillicon quidam, natione Milesius, qui, prodita Prienensibus Mileto patria ampliter quidem, sed foede ditatus est. Is cum proditionem moliens rogaretur, quidnam esset facturus, respondit* Πάντ' ἀγαθά, *id est Omnia bona. Unde proverbium effertur etiam ad hunc modum:* Πάντ' ἀγαθά, ὡς ἔφη Κιλλικῶν*, id est, Omnia bona, velut inquit Cillicon. Auctores Suidas et Zenodotus. Alludit huc et Aristophanes* ἐν Εἰρήνῃ: Οὐδὲν πονηρόν, ἀλλ' ὅπερ καὶ Κιλλικῶν*, id est Mali nihil, verum quod inquit Cillicon. Interpres adjicit Cillicontis exitium. Prodita a Cilliconte insula Theagenes quidam Syrius commigrarat Samum atque illic vendebat carnes. Ab hoc cum Cillicon carnes emere vellet, tradidit illi, ut, quod superesset, amputaret. At ille porrecta machaera manum hominis abscidit, Ista, inquiens, manu non prodes alteram civitatem.*
>
> Ἀγαθὰ Κιλλικῶν, é preciso subentender 'fazer' ou 'possuir'. Concerne aos casos em que os bens são obtidos por meios perversos e vergonhosos. Esse adágio foi inspirado num certo Cílicon, milésio de nascimento, que traiu Mileto, sua pátria, para os habitantes de Priene, enriquecendo largamente, mas de modo vergonhoso. Quando lhe perguntaram, enquanto ele planejava sua traição, o que ele iria fazer, ele respondeu Πάντ' ἀγαθά, isto é, "só coisas boas". Por isso esse provérbio é expresso desta forma: Πάντ' ἀγαθά, ὡς ἔφη Κιλλικῶν, isto é, "todas as coisas boas, como diz Cílicon". As fontes são *Suda* e Zenódoto.[5] Aristófanes também faz uma alusão a isso n'*A paz*: Οὐδὲν πονηρόν, ἀλλ' ὅπερ καὶ Κιλλικῶν, isto é, "nada de mau, apenas o que diz Cílicon". O escoliasta adiciona detalhes sobre o fim de Cílicon. Depois de a ilha de Samos ter sido traída por Cílicon, um certo sírio de nome Teágenes, se instalou em Samos e lá vendia carne. Como Cílicon queria comprar um pouco de carne dele, entregou-lhe um pedaço para que ele cortasse o que restava. Mas o açougueiro, estendendo o cutelo, cortou a mão do homem,

[5] Ele aqui se refere na verdade ao provérbio registrado em Zenóbio. Em diversos adágios Erasmo atribui a Zenódoto o trabalho de Zenóbio, "um erro que provavelmente se baseia numa emenda arbitrária de Marcus Musurus num escólio das *Nuvens* de Aristófanes" (Grant, 2017: 40).

> dizendo: "com esta mão você não trairá outra cidade" (Erasmo de Roterdã, *Adágios*, 1409 [II, V, 9]).[6]

Nos escólios ao v. 363 da *Paz* de Aristófanes conservados no *Codex Venetus Marcianus* 474, discute-se a questão acerca de Κιλλικῶν ser um nome ou um epônimo: Amônio[7] grafa como um nome próprio, dizendo ainda que Cílicon era chamado também de Lácon (Λάκων), e teria entregado Samos (ou, segundo outros, Mileto), "e tendo dito 'nada de mal', inesperadamente acrescentou 'mas aquilo que [fez] Cílicon', como se dissesse 'não faço nada de mal, mas saqueio bens sagrados'" (εἰπὼν δὲ <"οὐδὲν πονηρόν"> παρὰ προσδοκίαν ἐπήγαγε τὸ <"ἀλλ' ὅπερ καὶ Κιλλικῶν",> ὡσεὶ εἶπεν "οὐδὲν κακὸν ποιῶ, ἀλλ' ἱεροσυλῶ"). Apolônio[8] diz que seu nome seria Aqueu (Ἀχαιός), e ele seria "o milésio que traiu Mileto para Priene" (οὗτός ἐστιν ὁ προδοὺς Μίλητον Πριηνεῦσιν). Ele seria filho de Mérops, e o chamariam de Cílicon por ter uma ama cilícia. É dito também que Leandro de Mileto (*FGrH* 492, F 15), no segundo livro das *Milesíacas*, conta "ter [Cílicon] ainda traído Mileto, abrindo os portões [para os inimigos], e tendo um dos inimigos perguntado o porquê de ele ter feito isso, respondeu: 'Cílicon faz só coisas boas'" (ἱστορεῖ δὲ καὶ Λέανδρος ἐν δευτέρῳ Μιλησιακῶν προδοῦναι Μίλητον καί, ὅτε ἀνέῳξε τὰς πύλας, τῶν πολεμίων πυνθανομένου τινός, ὅ τι τοῦτο ἐποίησεν, ἀποκρίνασθαι· ἀγαθὰ Κιλλικῶν. *Sch. Ar. Pac*. 363d).[9] Merece destaque ainda o seguinte fragmento de Teópompo:

> Cílicon é conhecido por sua vileza, pois dizem ter ele entregado Samos ou Mileto para os habitantes de Priene. E Teópompo, no XIII livro de suas *Histórias*, diz que Cílicon entregou a ilha de Siro aos de Samos. Sendo questionado muitas vezes pelos seus sobre o que ele pretendia fazer, dizia: "só coisas boas" (enfim, só coisas boas dizia fazer, como também dizia Cílicon). E sofreu esta punição por sua traição: certo Teágenes – um homem de Siro, cidadão da ilha que Cílicon traiu, que muito antes se estabeleceu em Samos como açougueiro e assim levava sua vida –, tendo se irritado por causa da traição sofrida por sua pátria e notando que Cílicon comprava carne com ele, deu-lhe [para segurar] um pedaço de carne para que ele [i.e. Teágenes] cortasse o excesso. Tendo [Cílicon] sido persuadido e segurando [um pedaço da carne], sob o pretexto de [Teágenes] cortar excesso de carne, [este] brandiu o cutelo, cortou a mão de Cílicon e disse que "com esta mão outra cidade não trairás". E lembra Calímaco: "tu, Teágenes, cortaste a mão de Cílicon" (*FGrH*, 2b, 115, F 111).[10]

---

[6] Tradução baseada nas versões de R. A. B. Mynors (1991) e Jean-Christophe Saladin (2013).

[7] Não é informado a qual Amônio o texto se refere aqui; possivelmente seria o gramático, a quem é atribuída a obra Περὶ ὁμοίων καὶ διαφόρων λέξεων (*Sobre as diferenças de expressões sinônimas*), embora não tenha sido possível encontrar o trecho em questão nessa obra.

[8] Também não é informado a qual Apolônio o texto se refere, e aqui novamente não foi possível encontrar essa informação em outras fontes que não no escólio à *Paz*.

[9] Veja-se a interpretação desse escólio na tese de Javier Bilbao Ruiz (2017: 296-297).

[10] No original: Κιλλικῶν ἐπὶ πονηρίαι διαβόητός ἐστιν. φασὶ γὰρ αὐτὸν οἱ μὲν Σάμον ἢ Μίλητον προδοῦναι Πριηνεῦσι. Θεόπομπος δὲ ἐν τῶι <ιγ> τῶν Ἱστοριῶν τῶν ἑαυτοῦ Σύρον φησὶν αὐτὸν τὴν νῆσον προδεδωκέναι Σαμίοις. πυνθανομένων δὲ πολλάκις αὐτοῦ τινῶν τί μέλλοι ποιεῖν, ἔλεγε 'πάντα ἀγαθά'. (πάντα οὖν ἀγαθά φησι ποιεῖν, ὡς ἔφη καὶ Κιλλικῶν). τῆς δὲ προδοσίας τοιαύτην ὑποσχεῖν τιμωρίαν. Θεαγένην τινὰ ἄνδρα Σύριον, τῆς νήσου τῆς ὑπὸ τοῦ Κιλλικῶντος προδοθείσης πολίτην, πρὸ πολλοῦ μετοικήσαντα εἰς τὴν Σάμον κρεοπωλεῖν καὶ οὕτως ἀπάγειν τὸν ἑαυτοῦ βίον. ἀγανακτήσαντα δὴ ἐπὶ τῆι προδοσίαι τῆς πατρίδος, ἐπιστάντος τοῦ Κιλλικῶντος ὠνήσασθαι παρ' αὐτοῦ κρέας, δοῦναι κρατεῖν αὐτῶι, ἵνα ἀποκόψηι τὸ περιττόν. τοῦ δὲ πεισθέντος καὶ κρατοῦντος [τοῦ Κιλλικῶντος], προφάσει τοῦ πλεονάζον ἀποκόψαι τὸ κρέας, ἐπανατεινάμενον τὴν κοπίδα κόψαι τὴν χεῖρα τοῦ Κιλλικῶντος καὶ εἰπεῖν ὡς 'ταύτηι τῆι χειρὶ ἑτέραν οὐ προδώσεις πόλιν'. μέμνηται δὲ Καλλίμαχος [F 265

Essa parêmia não é explicada da mesma maneira em todas as fontes paremiográficas e lexicográficas, nas quais fica evidente não só essa confusão entre qual cidade (ou quais cidades) Cílicon traiu, mas também parece haver em algumas o entendimento de que Κιλλικῶν seria um gentílico, e não um antropônimo.

> **Diogeniano**, **I, 9**: <Ἀγαθὰ Κιλίκων·> ἐπὶ τῶν ἀπὸ τῶν οὐ προσηκόντων πλουτούντων. Προδότης γάρ τις τῶν Κιλίκων Μίλητον προδοὺς, ηὐπόρησεν.
> *"Bens de cilícios": sobre aqueles que enriquecem com as coisas que não lhes pertencem. Pois algum traidor dos cilícios, tendo entregado Mileto, prosperou.*

> **Gregório Cíprio, I, 5**: <Ἀγαθὰ Κιλίκων·> ἐπὶ τῶν οὐ καλῶς πλουτούντων· προδότης γὰρ Κίλιξ τις Μίλητον προδοὺς εὐπόρησεν.
> *"Bens de cilícios": sobre os que enriquecem de maneira não virtuosa. Pois um traidor cilício, tendo entregado Mileto, prosperou.*[11]

> **Macário, I, 6**: <Ἀγαθὰ Κιλίκων·> λείπει τὸ ἔχει. προδότης γὰρ ὁ Κιλίκων Μιλήσιος· καὶ προδοὺς Μίλητον εὐπόρησεν.
> *"Benesses de Cílicon": falta o "tem". Pois o milésio Cílicon era um traidor; e, tendo entregado Mileto, prosperou.*

> ***Suda*, α, 108**: <Ἀγαθὰ Κιλίκων,> λείπει τὸ ἔχει. Κιλίκων δὲ ὄνομα κύριον. εὔπορος δὲ ἦν.
> *"Benesses de Cílicon": falta o "tem". E Cílicon é um nome próprio. E era alguém abastado.*[12]

Um primeiro ponto que merece destaque aqui é a grafia do nome Cílicon: enquanto temos em Zen. *Par*. I, 3 a grafia Κιλλικῶν – que, conforme é informado no aparato crítico, seria uma correção de Leutsch e Schneidewin, uma vez que a lição dos manuscritos é Κιλίκων –, todos os verbetes citados acima usam a grafia Κιλίκων, mas enquanto Diogeniano e Gregório Cíprio parecem considerar que se trata de um gentílico – isto é, um genitivo plural de Κίλιξ –, em Macário, na *Suda*, e, cabe notar aqui, em Zen. *Bodleiano* (10), temos um antropônimo. Já no verbete destinado a esse personagem na *Suda* consta a forma Κιλλικών:

> <Κιλλικών·> οὐδὲν πονηρόν, ἀλλ' ὅπερ καὶ Κιλλικών.[13] οὗτος παρέδωκε τὴν Σάμον. ὡσεὶ εἶπεν· οὐδὲν κακὸν ποιῶ, ἀλλ' ἱεροσυλῶ. ἐπὶ πονηρίᾳ γὰρ ἐτεθρύλλητο ὁ Κιλλικών, ὃς προὔδωκε Μίλητον Πριηνεῦσι. πυνθανομένων δὲ πολλάκις αὐτοῦ τίνων, τί μέλλει ποιεῖν, ἔλεγε, πάντα ἀγαθά. καὶ ἔστι παροιμία· πάντα ἀγαθά, ὡς ἔφη Κιλλικών (*Suda*, κ, 1610).
> *Cílicon: nada de mal, mas como Cílicon. Este entregou Samos. Como se dissesse: "não faço nada de mal, mas saqueio bens sagrados". Pois por sua perversidade era criticado por todos Cílicon, que entregou Mileto aos de Priene. Como alguns o questionassem frequentemente sobre o que ia fazer, dizia: "tudo de bom". E há a parêmia: "tudo de bom, como diz Cílicon".*

Mas essas (Κιλλικῶν, Κιλλικών e Κιλίκων) não são as únicas grafias usadas para o nome desse personagem, embora sejam as mais comuns, sendo encontradas também as formas

---

Massimilla]· 'μὴ σύ γε Θειογένης κόψης χέρα Κιλλικόωντος'. Nos escólios a Aristófanes, esse texto é atribuído a Teofrasto (*Sch. Ar. Pac*. 363d).

[11] Este provérbio está também em Gregório Cíprio, *Mosquensis*, I, 5.

[12] Veja-se também o levantamento das ocorrências dessa parêmia feito por Mónica Menor Martínez em sua tese *Proverbios en Aristófanes* (2007).

[13] Aquí a *Suda* cita o já mencionado v. 363 da peça *A paz*, de Aristófanes.

Καλλικῶν, Κιλλικόων, Καλλικόων e até mesmo Καλλιφῶν.[14] É possível, considerando a frequência com que cada grafia é usada para designar este personagem, que a forma original da parêmia fosse Ἀγαθὰ Κιλλικῶν, que por algum motivo (talvez por ser mais incomum) foi substituído em parte da tradição pelo gentílico Κιλίκων, gerando assim a parêmia (errônea) Ἀγαθὰ Κιλίκων, que diria então sobre um traidor cilício que entregou seu povo e prosperou com isso. Contudo, e esse é um segundo ponto que merece atenção nos verbetes citados – e que evidencia um problema decorrente da alteração feita na parêmia –, é preciso ter em mente que Mileto não era uma região da Cilícia, então não fica claro como um traidor dos cilícios prosperaria entregando Mileto (nem Samos e nem Siro, aliás), conforme sugerem os verbetes de Diogeniano e de Gregório Cíprio. Poderíamos pensar que o traidor em questão foi um milésio que numa certa ocasião traiu Mileto e, em outra, os cilícios, mas não só Gregório Cíprio diz que ele era cilício, como não ficaria clara a relação entre o provérbio "bens de cilícios" e alguém prosperar ao trair Mileto.

Anna Potamiti (2021: 324) levanta algumas possibilidades históricas para entender quem seria Cílicon e qual povo ele poderia ter traído: por um lado, ela sugere que a Guerra Sâmia (440-439 a.C.) seria o pano de fundo dessa história,[15] considerando que "a ocorrência de Samos na tradição, com as cidades jônicas envolvidas na guerra, Mileto e Priene, parece dar suporte a essa possibilidade";[16] por outro lado, ela pode ter relação com o cerco e a captura de Mileto durante a Revolta Jônica (entre 499-493 a.C.). Poderíamos, nesse sentido, levantar a improvável hipótese de que essas fontes se referem a alguma outra cidade chamada Mileto – talvez a que existia na Mísia, na região chamada Escépsis – e ao povo chamado *cilício* que teria habitado a parte da Mísia chamada de Trôade, que era uma região na parte noroeste da Anatólia.[17] Entretanto, além de as regiões não serem as mesmas, perde-se a proximidade com Priene. Talvez a solução para a questão da nacionalidade de Cílicon esteja nos seguintes verbetes

> <Κιλλίκων>· προδότης οὕτως ἐπωνομάζετο, Ἀχαιὸς μὲν τοὔνομα, Κιλλίκων δὲ ἐπικαλούμενος, ὃς Μίλητον προέδωκε τοῖς βασιλέως στρατηγοῖς (Hesíquio, κ, 2688).
> *Cílicon: um traidor era assim nomeado. Aqueu era seu nome, mas de Cílicon é chamado. Ele entregou Mileto aos generais do rei.*

> <Κιλίκων·> ἐπώνυμον Ἀχαιοῦ τοῦ Μέροπος, ἀπὸ τροφοῦ Κιλίσσης· ὃς τὴν πατρίδα Μίλητον προύδωκεν τοῖς Πριηνεῦσι· καὶ τὸν βασιλέα στρατηγῶν· ἢ, παρόσον Κίλικες διεβέβληντο ἐπὶ πονηρίαι καὶ ὠμότητι, διὰ τοῦτο ἐκλήθη Κιλίκων· Φερεκράτης· Ἀεὶ πόθ' ἡμῖν ἐγκιλικίζουσ' οἱ θεοί (Fócio, *Léxico*, κ, 164, 22-165, 5 [= *Suda*, κ, 1609]).[18]

[14] A forma Καλλικῶν pode ser encontrada na edição de Ada Adler da *Suda* (π, 2040); Καλλικόων, na edição de R. Pfeiffer de Calímaco (fr. 607; 1949) – mas Otto Schneider (1873; fr. 227) adota a grafia Κιλλικόων –, e Καλλιφῶν, na edição da *Suda* de Ludolph Küster (1705; *s.v.* πονηροῖς). Ver sobre isso o aparato crítico de Zen. *Par*. I, 3 na edição do *CPG* e os comentários de Schneider (fr. 227) e de Giulio Massimilla (fr. 265 [607 Pf.]) ao fragmento de Calímaco.

[15] Essa hipótese é levantada por M. V. Molitor (1989), que serve de base para Potamiti (2021).

[16] No original: "the occurrence of Samos in the tradition, together with the Ionian cities involved in the war, Miletos and Priene, would seem to give support to such a possibility […]".

[17] Conforme consta no *Dictionary of Greek and Roman Geography* de William Smith (*s.v.* Miletus [2] e *s.v.* Cilices [Κίλικες], respectivamente). Esse povo é mencionado na *Ilíada*, VI, 415, quando Andrômaca diz que seu pai foi morto por Aquiles, que "arrasou a cidade bem habitada dos cilícios, / Tebas de altos portões".

[18] E completa a *Suda* (κ, 1609): "e era alguém abastado, tanto que uma parêmia foi criada sobre ele: 'benesses de Cílicon': [Cílicon] falta o 'tem'" (εὔπορος δὲ ἦν, ὥστε καὶ παροιμίαν ἐπ'αὐτῷ εἰρῆσθαι· ἀγαθὰ Κιλίκων. λείπει τὸ ἔχει). O verbo ἐγκιλικίζω, presente na citação de Ferécrates e vertido aqui por

> *Cílicon: epônimo de Aqueu, filho de Mérops, a partir de uma ama cilícia, que traiu a pátria Mileto e o rei dos generais para os habitantes de Priene. Ou, visto que os cilícios eram acusados de vilania e crueldade, sobre os cilícios foi dito assim por Ferécrates* [fr. 176 Kassel-Austin]*: "os deuses sempre nos* ciliciam".

Ou seja, Cílicon seria chamado assim por causa de sua ama, ou então por ele ter se comportado de maneira vil, e não por causa de sua origem; a relação entre Mileto e Priene é mantida e são derrubadas as "barreiras geográficas" que permeiam as demais explicações. É possível (e até provável) que a figura de Cílicon tenha vindo de algum rumor ou lenda criada em tempos de guerra, "surgindo como um boato, numa área envolvida em guerras no mar Egeu [...], mas não necessariamente numa das localidades mencionadas na tradição" (Potamiti, 2021: 325). Logo, as discrepâncias entre as regiões envolvidas nessa lenda – não só as diferenças entre a possível pátria de Cílicon e qual região (ou quais regiões) ele teria traído, mas os aparentes equívocos geográficos mencionados – podem ter sido causadas por sua transmissão, em que diversas informações teriam se misturado. Além disso, os provérbios presentes nas fontes paremiográficas sofreram sucessivos resumos, tanto em sua forma quanto nas explicações, provocando problemas textuais ou de interpretação (García Romero, 2000: 99); é então possível supor que esse provérbio tenha sido resumido durante sua transmissão, seja através de seu uso oral, já que os próprios falantes podem tê-lo abreviado, seja devido aos cortes feitos nas fontes. Desse modo, é possível inferir do verbete da *Suda* (κ, 1610), por exemplo, que Ἀγαθὰ Κιλλικῶν seria a forma abreviada do provérbio πάντα ἀγαθά, ὡς ἔφη Κιλλικών; essa transmissão acidentada das parêmias pode explicar também a variação entre o uso do antropônimo Κιλλικῶν e do (possível) gentílico Κιλίκων.

Por fim, sendo o verso de Aristófanes o único exemplo que nos permite apreciar o uso de Ἀγαθὰ Κιλλικῶν dentro de um contexto, se fazem necessárias algumas linhas sobre ele. Na passagem em questão, quando Hermes percebe que Trigeu está tentando tirar a Paz de sua cova, pergunta-lhe o que pretende fazer, ao que este responde, numa alusão à parêmia (ou então apenas à história de Cílicon, cuja traição já seria então proverbial, o que permite que a audiência compreenda a fala de Trigeu), "nada vil, mas como Cílicon" (v. 363: Οὐδὲν πονηρόν, ἀλλ' ὅπερ καὶ Κιλλικῶν). Esse verso sugere que o uso dessa parêmia deveria ser irônico,[19] sendo usado quando alguém, pretendendo fazer algo de ruim (no caso do verso, tirar a deusa da cova sem a permissão dos deuses), diz que fará coisas boas – ou ao menos "nada vil", "nada de mal".[20]

"ciliciar", significa 'se fazer de cilício (para alguém)', 'enganar' (*LSJ*, *s.v.* ἐγκιλικίζω). Ver também, sobre as versões do mito de Cílicon, Lelli, 2021: 1580, nota 5.

[19] Conforme demonstra Olson (1998: 146) ao comentar verso em questão, a resposta de Trigeu é zombeteira, como se ele dissesse "eu não tenho nada πονηρόν em mente – apenas uma completa πονηρία".

[20] Ver Menor Martínez (2007: 491). Um caso muito semelhante é encontrado no v. 859 da peça *Nuvens*, também de Aristófanes, em que, ao ser questionado sobre o que fez com as sandálias, Estrepsíades responde: "assim como Péricles, 'gastei no que devia'" (ὥσπερ Περικλέης, εἰς τὸ δέον ἀπώλεσα). Εἰς τὸ δέον (Zen. *Par*. III, 91) ou Εἰς τὸ δέον ἀπώλεσε (p. ex. em Macário III, 53) é uma parêmia que tem sua origem na história de Péricles, que, ao ter que prestar contas aos atenienses de certo dinheiro dado ao rei dos lacedemônios, sem querer dizer claramente em que tinha usado, respondeu "gastei no que devia" (sobre essa parêmia, ver a nota de Rosa María Mariño Sánchez-Elvira y Fernando García Romero em sua tradução de Zen. *Par*. [p. 142-143] e o comentário de Winfried Bühler em sua edição da redação *Athoi* [II, 33]). É notável também a semelhança entre as parêmias: alguém, não querendo revelar suas ações, ao ser questionado sobre elas dá uma resposta vaga e que passa a impressão de ter feito algo bom ou correto.

CONCLUSÕES

Este breve estudo sobre a parêmia Ἀγαθὰ Κιλλικῶν buscou trazer um exemplo de como a transmissão acidentada das parêmias que compõem o *CPG* pode impactar na compreensão de cada uma delas, gerando, por vezes, problemas de tradução e de interpretação, podendo ainda ser um obstáculo quando se busca determinar qual seria a sua origem. No caso apresentado aqui, é visível como a variação, sobretudo entre as grafias Κιλλικῶν e Κιλίκων, pode ter criado entre os paremiógrafos a necessidade de explicar o porquê de os cilícios aparecerem nessa parêmia, gerando, assim, imprecisões geográficas e alguma confusão entre o personagem Cílicon e sua possível origem.

A parêmia estudada neste artigo é um bom exemplo de como elas se constituem: ainda que tenham um núcleo histórico, que no processo de transmissão se expande e se corrompe, as parêmias se elevam, por assim dizer, acima da história para atingir uma espécie de autonomia semântica. Nesse sentido, o esforço dos paremiógrafos antigos busca recuperar uma "história" para sempre perdida, donde pode-se concluir que toda a paremiografia antiga é motivada por um desejo de explicação "arqueológica", já que normalmente eles não se contentam em repertoriar as parêmias e os seus usos, mas tentam explicar a sua origem. É notável ainda que partindo de uma parêmia específica, podemos tirar conclusões que abarcam o conjunto do gênero: (1) a historicidade perdida das parêmias alimenta a dispersão de suas fontes, cada uma destas com uma explicação própria e frequentemente divergente umas das outras, e assim o que vem para explicar, num processo de acumulação, acaba gerando mais dúvidas e hipóteses; (2) o encurtamento das fórmulas compromete a sua gramática; desse modo as parêmias acabam por apresentar uma gramática própria e depender inteiramente de seus usos para uma significação completa. Ao fim e ao cabo, resta ao tradutor e ao estudioso moderno o convite desafiador para criar hipóteses de explicação e arriscar soluções para uma melhor compreensão das parêmias preservadas no *CPG*.

Referências bibliográficas

Edições e traduções de textos antigos

Adler, A. (Ed.). (1928-1971). *Suidae Lexicon*. (4 vols.). Leipzig: Teubner.

Bühler, W. (Ed.). (1982). *Zenobii Athoi proverbia*. (Vol. IV). Göttingen: Vandenhoeck-Ruprecht.

Érasme De Rotterdam (2013). *Les Adages* (5 vols., trad. sous la direction de Jean-Christophe Saladin). Collection Le Miroir des Humanistes. Paris: Belles Lettres.

Erasmus of Rotterdam. (1982-2017). *Collected Works of Erasmus* (Vols. 30-36, trad. John N. Grant, Margaret Mann Phillips, R.A.B. Mynors, Denis L. Drysdall e Betty I. Knott). Toronto: University of Toronto Press.

Gaisford, T.; Bernhard, G. (Eds.). (1853). *Suidae Lexicon: graece et latine*. (Vol. 2, t. 1-2). Halis: Sumptibus Schwetschkiorum (M. Bruhn).

Holwerda, D. (Ed.). (1982). *Scholia in Vespas, Pacem, Aves et Lysistratam*. Groningen: Bouma.

Jacoby, F. (Ed.). (1962). *Die Fragmente Der Griechischen Historiker* (*FGrH*). (Vol. 2, tomo 2). Leiden: E. J. Brill.

Kassel, R.; Austin, C. (Eds.). (1989). *Poetae Comici Graeci (PCG)*. (Vol. VII). Berlin: Walter de Gruyter.

Latte, K. (Ed.). (1966). *Hesychii Alexandrini lexicon*. (Vol. 2). Copenhague, Ejnar Munksgaard.

Lelli, E. (a cura di). (2006). *I proverbi greci: le raccolte di Zenobio e Diogeniano*. Soveria Mannelli: Rubbettino.

Lelli, E. (a cura di). (2021). *Proverbi, sentenze e massime di saggezza in Grecia e a Roma*. Milano: Bompiani.

Massimilla, G. (Ed.) (2010). *Aitia: libro terzo e quarto. Callimaco*. Pisa: Fabrizio Serra Editore.

Monro, D. B.; Allen, T. W. (Eds.). (1920). *Homeri Opera*. (Vols. I-II). Oxford: Oxford University Press, 1920.

Olson, S. D. (Ed.). (1998). *Aristophanes Peace*. Oxford: Clarendon Press.

Pfeiffer, R. (Ed.). (1949). *Callimachus*. (Vol. I). Oxford: Clarendon Press.

Portus, E.; Küster, L. (Eds.). (1705). *Suidæ lexicon, græce & latine*. Cambridge: Typis Academicis.

Proverbios griegos: Menandro – sentencias. (1999). Introducción, traducción y notas de Rosa María Mariño Sánchez-Elvira y Fernando García Romero. Biblioteca Clásica Gredos, 272. Madrid: Gredos.

Saladin, J.-C. (Ed.). (2010). *Les* Adages *d'Érasme*. Paris: Belles Lettres.

Schneider, O. (Ed.). (1873). *Callimachea*. (Vol. II). Lípsia: B. G. Teubner.

Theodoridis, C. (Ed.). (1982). *Photii patriarchae lexicon*. (Vol. 2). Berlin: De Gruyter.

Von Leutsch, E. L; Schneidewin, F. G. (Eds.). (1965 [1839-1851]). *Corpus Paroemiographorum Graecorum (CPG)*. (2 vols.) Hildesheim: Georg Olms verlagsbuchhandlung.

Referencial teórico geral

Bilbao Ruiz, J. (2017). *Teorías y críticas literarias em los escolios de Aristófanes*. Vitoria-Gasteiz, Universidad del País Vasco (tese).

García Romero, F. (2000). Algunos problemas textuales en la transmisión del *Corpus Paroemiographorum Graecorum*. *Synthesis*, 7: 99-111.

García Romero, F. (2021). La paremiología y la lexicografía como fuente de la literatura griega: algunos problemas. En J. de la Villa *et al*. (Ed.), *Forum Classicorum. El foro de los clásicos. Actas del XV Congreso Español de Estudios Clásicos*. Madrid: Guillermo Escolar, vol. I, 461-500.

García Romero, F.; Sánchez-Elvira, R. M. M. (1999). Introducción. *Provérbios griegos: Menandro – sentencias* (pp. 9-66). Introducción, traducción y notas de Rosa María Mariño Sánchez-Elvira y Fernando García Romero. Bilbioteca Clásica Gredos, 272. Madrid: Gredos.

Grant, J. N. (2017). Erasmus' Adages. En Erasmus of Rotterdam, *Collected Works of Erasmus: Prolegomena to the Adages* (Vol. 30, pp. 3-83, trad. John N. Grant). Toronto: University of Toronto Press.

Guevara de Álvarez, M. E. (2007). Sobre la tradición paremiográfica homérica. *Revista Estudios Clásicos*, 34: 39-64.

Liddell, H. G.; Scott, R.; Jones, H. S. (1883). *Greek-English Lexicon*. New York: Harper & Brothers.

Menor Martínez, M. (2007). *Proverbios en Aristófanes*. Madrid, Universidad Complutense de Madrid (tese).

Molitor, M. V. (1989). A Possible New Fragment of Ephorus in the Scholia on *Pax* 363. *Hermes*, 117 (1): 125-127.

Potamiti, A. (2021). The Goods of Killikōn and Aristophanes, *Pax* 363. *Mnemosyne*, 74: 319-328.

Smith, W. (Ed.). (1870). *Dictionary of Greek and Roman Geography*. (2 vols.). Boston: Little Brown and Company.

Tosi, R. (1988). *Studi sulla tradizione indiretta dei classici greci*. Bologna: Editrice Clueb.

